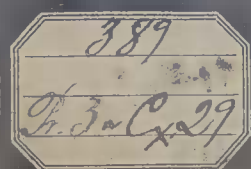


Acarteira  
de  
Mauricio 573

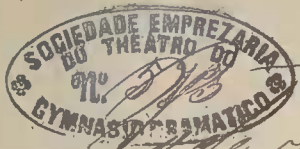
ESTIC

Escola Superior de Teatro e Cinema



389

P. 3.º C. 29



Lez. 210 4/502

Luiz  
F. P.

Pode representar-se. Impresario Luiz don  
Theatro em 30 de Agosto de 1862. (55)

Menezes

A carteira de Mauricio Lopes.

Comedia em 1 acto

„ A. Col. „

Pode representar-se  
- Porto 21 de Junho  
de 1863.

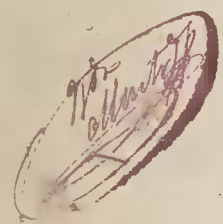
(Muitas vezes)  
por

Leuba

Francisco Serra.

Para se representar no Theatro  
de Gynnasio Dramatico

Julho 14 de 1862



O Director da scena  
Ramon de S. J.

Julho 15 1862

Personagens

Eduardo Roque — *Homem*

Pantaleão Carneiro — *Homem*

Luisa de Sá — *Homem*

Vicência (criada) — *Homem*

Actual em Lisboa — Actualidade

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

# Acto unico.

Luiza

Sala elegantemente mobilada. — Fogaõ á direita do espectador; sophá, cadeiras, &c. Ao centro uma mesa com varios objectos de porcelana, — um copo d'agua de cristal ou da china e outros. Um biombo tapando a entrada da porta da direita, porem de modo que permitta a passagem. As mesas tem serpentinas com velas acesas.

## Scena 1.<sup>a</sup> Luiza e Vicencia.

Luiza. Vicencia, não te esqueças de preparar um copo ~~de~~ <sup>com</sup> agua, açúcar e flor de laranja para quando meu tio vier.

Vicencia Já'o vou arranjá. / Vai preparar o copo com agua e açúcar.

Luiza. Toma porem cuidado em lhe não dares a agua em copo fino. Bem sabes o seu costume....

Vicencia. Se sei! sempre me tem mettido sustos!

Luiza. Então que queres? É aquelle o seu genio!... Acostumado a viver entre cafres na Africa, onde os seus negocios o chamavam de continuo, em quanto nós viviamos no Brasil... / Toca uma campainha fóra).  
Eil-o que chega.

## Scena 2.<sup>a</sup> Os mesmos e Pantaleão.



Vicencia. Deus nos accuda! Valha-me noſſa ſenhora do Amparo! / Pega aprepadamente n'um dos copos d'aqua que estão sobre a mesa /

Pantaleão. / Entra precipitadamente, pega no copo que Vicencia lhe offerce, bebe-o de um trago e atira logo ao chão o copo que se desfaz em pedaços. / Ah!... Uff!!! / Sai pela porta da esquerda /

Vicencia. Valha-me Santa Ursula! Santa Barbara! S. Jero- nymo!

Luiza. / Sentando-se tranquillamente ao pé do fogão / Não te afustes, mulher, meu tio é uma perola. Al- gum tanto arrebatado, é verdade....

Vicencia. Uma perola, hein! Cois ~~que~~ parece um porco es- pinho!

Luiza. <sup>ou</sup> Talvez tivese alguma desordem. Com tanto que não matasse alguém....

Vicencia. ~~Que horror! que horror!~~ / Aparte / Nada, eu é que não páro quinze dias n'esta cara.

Luiza. Apanha eſes pedaços de vidro. / Vicencia vai apa- nhar-os /

Pantaleão. / Entrando / Vicencia?

Vicencia. Senhor?

Pantaleão. Vira de bordo <sup>e atraca</sup> ~~o~~ ~~de~~ ~~alguma~~ ~~falla~~.

Vicencia. ~~Que fallar!~~ Atraca?!

Pantaleão. / Impaciente / Não me entendes?

Vicencia. / Tremendo / Perdõe-me V. Sa; como nunca estive na Africa....

Pantaleão. Com mil saccas de canella, seiscentos jacarés e qua- tro centos quintaes de gengibre! Que tem a Afri- ca como que te acabo de dizer? Aproxima-te.

Vicencia. / Aproximando-se / Ah! isso agora é outro fallar.

*Torna*

Pantaleão. Silencio! ~~Pega~~ Pega esta libra e entrega-a a um ho-  
mem que está ahí fóra. / Dando um grito / Viza  
de bordo!

Vicencia. / Sem perceber / Que diz o senhor? ~~Luiza~~

Pantaleão. / Pegando n'uma cadeira enroscada / Que te avies!  
/ Vicencia deita a correr; Pantaleão vendo-a sair, pe-  
ga na garrafa e serve-se n'um copo que depois a-  
tira do chão, despedaçando-a. Em seguida, observa  
o relógio e diz / Ah!... estou finalmente socegado!

Scena 3.<sup>a</sup>  
Luiza e Pantaleão.

Luiza. / Com placidez / Já mandei comprar mais copos pa-  
ra quando meu tio acabar com esses.

Pantaleão. Não, por em quanto não fazem falta. Já me sinto  
bom.

Luiza. Mas o que foi que lhe aconteceu?

Pantaleão. Ora o que foi! Imagina que passeava esta tarde  
no passeio publico aquecendo-me ao ardor do sol da  
minha terra e vendo a esses melindrosos lisboetas com  
mais de um palmo de lingua fóra da boca, por trin-  
ta e dois insignificantes grãos de Peaumur, quan-  
do de repente esbarro.... com quem? dirias tu. Com  
o meu amigo Zacharias Peres.... aquelle rebelto  
mancebo que fez comigo na Africa o prodigioso com-  
mercio de dentes de elefante e chifres de unicornio...

Luiza. Ah! sim, bem sei; e como está elle?

Pantaleão. Muito constipado, constipadissimo! Oh, disse elle; Za-  
charias! exclamei eu. Tu em Lisboa! E como di-  
zes! Jantas comigo? Vamos ao Matta. Demos o braço



co, chegamos á rua do ouro e entramos. Serviram-  
nos bem, isso é verdade. A fructa é que estava um  
tanto verde e o peixe um pouco ardidado. Depois do  
caffé pedi a conta; fiseram-nos esperar um quar-  
to de hora, e no fim, apparece o creado com ella;  
mas não era a nossa, pertencia a um sujeito que  
tinha comido na mesa que ficava fronteira.

Luiza. / *Pindo* / Ah! ah! ah! Apesar da sua proverbial  
impaciencia, foi obrigado a esperar.

Pantaleão Isto encolerizou-me. Não tolero preferencias, gritei  
indignado e enraivecido: Eu pedi a conta antes do  
senhor e não consinto que o sirvão primeiro. E o  
senhor que lhe importa? me respondeu o atrevido,  
dispondo-se a pagar a conta. Então eu desespera-  
do agarro n'uma garrafa de vinho do Porto que ti-  
nha ao meu lado, e do bom... do puro... do legiti-  
mo!... e pois! estampeei-lha na cabeça!

Luiza. Jesus! que fez?

Pantaleão. Ora! O Porto não faz mal a ninguém. O meu  
contendedor respondeu-me com uma garrafa de He-  
rez, e aqui principia a luta entre escola portuense  
e xeresense! Isto desafiou o tumulto, a confusão e  
os gritos: acodem os moços, porém eu e Zacharias  
agarramos aquelle punhado de escravos, e levantam-  
do-os ao ar... catrapuz! á rua com elles!

Luiza. Ah! meu Deus! Caíram?

Pantaleão. Sim, caíram sentados, ficaram de perfeita saude  
... como a vidraça está ao ror do chão, foi só atirar  
com elles pelo meio dos vidros, por cima das em-  
padas e das tortas... Imagina tu a impressão que  
isto causou: a surpresa das pessoas que passa-

vam n'aquelle instante! Vens persuadida <sup>Luzia</sup> que  
era o cometa Carlos quinto que tocava na terra  
com a ponta da sua grande cauda, outros que  
cahiã os habitantes da lua. Por fim, compoz-se  
a contenda, pagando em meia libra de vidros, e  
outra meia de comidas; total, quatro mil e qui-  
nhentos. Como é cara a vida em Lisboa!

Luzia. Felizmente, somos ricos.

Pantaleão. Ah! se tu quizeses voltar ao Brasil...

Luzia. Ora! se fosse a Paris ou a Londres!... A não ser  
isto, prefiro estar aqui.

Pantaleão. Paris! Londres! Lisboa! Ceus nublados durante  
sito mezes no anno! E neves, chovas e ventos! Ah!  
Bahia! Pará e Pernambuco! Aquillo é que são  
climas! Haade confessar que sou um tudo um  
bom tio. E senão, escuta; teu defunto esposo em-  
penhou-se em fazer comigo uma viagem as Pam-  
pas, quando n'um dia em que passeava pelas  
campinas de Esmaracanda, lhe saltou ao pescoco  
uma serpente. Em menos de cinco minutos ficaste  
viuva, e em menos de duas semanas, achaste o bal-  
samo para a desconsolação.

Luzia. Oh! tio!...

Pantaleão. Não me queiras agora fazer acreditar... Olha, se  
em vez de quinze dias que devias chorar a teu ma-  
rido o fizeste só em dose, tu lá sabes as razões por-  
que. Isso não é da minha conta. O caso é que  
me disteste: meu querido tio, eu quero ver a Eu-  
ropa, desejo ir a França, a Inglaterra, a Portu-  
gal... E eu fui tão... tão piégas que consenti!

Luzia. Pois não é o tio o meu unico parente, meu protec-



tor, meu amigo e administrador dos meus bens?...

Pantaleão. Sim, sim, tudo isso. Eis o motivo porque deixei o Brasil, as minhas deliciosas bananas, e o ananaz da minha paisada! Mas tu bem podias facilmente fazer-me recuperar tudo isto!

Luisa. Então como?

Pantaleão. Visto que preferes este velho e rachitico mundo, torna-te a casar. Não te agrada o Mauricio Lopes?

Luisa. Mauricio Lopes! Um corrector..... um.... Não, meu tio, não gosto d'esse homem.

Pantaleão. Olha que não é feio.... nem velho. Terá por ahí uns trinta e dois annos. Se a metade da vida humana são trinta e tres, a Mauricio Lopes só falta um. Ora em um anno podias tornar a ficar viuva com muita facilidade!

Luisa. Que diz, meu tio! Quem o ouvisse havia de tomar-me por outra Lucrecia Borga.

Pantaleão. Cidado o caso de Mauricio Lopes desmentir os calculos ~~da~~ da mortalidade.... ~~neste caso~~ ~~na~~ ~~vaes~~ então com elle á Comarcondá, aconselhas-lhe que papeie pelo campo para fazer a digestão, e como a serpente que deu cabo do outro deve já ter filhos.....

Luisa. Tio! tio! que está dizendo!

Pantaleão. /Rindo/ Ah! ah! ah! Tomaste o caso a serio? Já sabes que eu sou assim. Sempre alegre e folgada. Dize-me cá, Mauricio Lopes não veio hoje? /Vendo o relógio/

Luisa. Não meu tio.

Pantaleão. Talvez se esquecesse; é tão distrahido... /Chamando/ Vicencia? O' Vicencia?

Scena 4.<sup>a</sup>

Os mesmos e Vicencia. *Luisa*

Vicencia. Senhor? <sup>3</sup>

Pantaleão. ~~Deixa a minha~~ Atraca.

Vicencia. ~~Quêz a minha~~ Que atraca, senhor?

Pantaleão. Não me entendes, estúpida? Com mil.... / (Vicencia corre a ir buscar o copo a Pantaleão que lh'o impede.)  
Não é isto! Muitos brancos são estes creados! Se fossem negros, como os venderia agora bem ao voltar para o Brasil... porém são brancos, e não se pôde....

Vicencia. Não faltava mais nada!

Pantaleão. Pois tenho pena! / Olhando-a com attenção / Se fosse negra dar-me-hiam por ella.... o menos, o menos.... oito centos mil reis!

Vicencia. / Indignada / Oito centos mil reis!

Pantaleão. Deixa ver os dentes? Um conto e duzentos, um conto e duzentos! Mas és branca.... Vamos, dá-me o chapeo.

Luisa. 2 O tio vai sair?

Pantaleão. O Zacharias está á minha espera no Suizo para tomar um grog. Até logo.

Scena 5.<sup>a</sup>

Luisa e Vicencia.

Vicencia. / Aparte / Que selvagem!

Luisa. Então não fico outra vez só! Que aborrecimento, meu Deus! Vicencia? / Levanta-se dá' alguns papeis e



a sentar-se /  
Vicencia. Senhora ?  
Luiza. Tu sabes o que é splire ?  
Vicencia. Não sei eu agora outra coisa ! É uma fazenda  
inglesa para vestidos de baile.  
Luiza. Já vejo que és intelligente ! / ouve-se tocar uma  
campainha / Vae ver quem é.  
Vicencia. Sim, minha senhora. / Sae / A  
Luiza. Será esse importuno Mauricio Lopes que inten-  
ta fazer-me a corte ? Hoje não se apressou mui-  
to; são mais de nove ! / Vendo o relógio /  
Vicencia. / Entrando / Minha senhora.....  
Luiza. Dize-lhe que entre.  
Vicencia. Prepare porem, minha senhora, que é um sujeito des-  
conhecido que me entregou este bilhete de visita.  
Luiza. Dá' cá. / Lendo / Eduardo Roque.... Não conheço..... a  
não ser algum amigo de meu tio..... mas de noite  
e a estas horas !... Simfim, manda-o entrar.  
Vicencia. / No fundo da porta / Entre, senhor.

### Scena 6.<sup>a</sup>

As mesmas — Eduardo Roque — / Vestido com  
elegancia, trazendo paletot no braco e uma cartei-  
ra na mão. /

Eduardo. Minha senhora, tenho a honra de cumprimentar  
a V. Ex.<sup>a</sup>  
Vicencia. / Aparte, olhando para Eduardo, admirada / Ohem  
quem elle é !... / rindo / Ah ! ah ! ah ! / Luiza  
faz um gesto a Vicencia, que se retira /  
Eduardo. É a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Luiza de Sá que tenho



a honra de fallar?

*Luiza*

Luiza.

Exactamente.

Eduardo.

Rua nova dos Caldas n.º 382 - 2.º andar?

Luiza.

Não tem que duvidar.

Eduardo.

*Tirando das algibeiras umas luvas brancas, calçando-as.* Muito bem, minha senhora; n'esse caso, tenho a honra de lhe pedir a sua mão.

Luiza.

*Levantando-se.* A minha mão! Mas senhor....

Eduardo.

Sim, sim, comprehendo.... já sei que me vai dizer: - senhor, eu não o conheço! É verdade que eu também não tenho a honra de conhecer a V. Ex.ª. Pois ahí está o caso! Se nos conhecessemos, que teria isto de singular?

Luiza.

Jesus! é um alienado que tenho em casa!

Eduardo.

Imagine V. Ex.ª....

Luiza.

*Tocando a campainha. (Vicencia apparece.)* Vicencia, acompanha este senhor. Tenha a bondade de sair.

Eduardo.

*A parte.* Está só pelo demónio! *Soe pelo fundo cumprimentando Luiza respeitosamente.*

Luiza.

*Ficando perplexa um momento e acabando por soltar uma gargalhada.* Ah! ah! ah! que original! Mais uma proposita de casamento! Se meu tio aqui estivesse... Devia tê-lo deixado fallar.... Está tão aborrecida! ?

Eduardo.

*Voltando.* Pois nada mais fácil, minha senhora. Acredite que tenho uma verdadeira satisfação... queira V. Ex.ª ter a bondade de sentar-se.

Luiza.

Como? Ainda outra vez!

Eduardo.

*Puchando uma cadeira e sentando-se.* Minha senhora, a meu nome, creio que já V. Ex.ª o sabe pelo

belhete de visita - Eduardo Rogue. - A minha idade... e' a idade das mulheres de Valzac... a minha fortuna.... tres contos de reis annuos. A minha occupação... / Dando um grande suspiro e com voz melancolica / Ah! a minha occupação... e' ser desgraçado!

Luisa.  
Eduardo.

Pois tem um bello rendimento a sua profissão! E V. Ex.<sup>a</sup> tomou-me ha pouco por um louco! Ai! não, minha senhora! Um louco e' a metade de um poeta e eu não pertenco ao numero d'esses afortunados mortaes que divagam sempre pelas regiões aerias. Não, minha senhora; eu arraste-me estupidamente pelo pó da terra! Quer V. Ex.<sup>a</sup> saber qual e' a minha vida? Eu lh'o digo. Levanto-me ás onze horas; vinte minutos depois, o criado chega-se ao pé de mim, exclamando: está prompto o almoco. - Almoco, ~~saio~~ <sup>saio</sup> e encontro logo algum conhecido que me diz: - Olé! tu por aqui! E' verdade! Dá cá um charuto - Aqui tens. - Então como estás? Quem e' tu?.... Abóil com dor de dentes. - Sinto muito, adeus! Diverte-te! ~~Logo deita~~ ~~perto~~ das duas horas; ás duas e um quarto, monto a cavallo e ás vezes a ainda não são tres, e já tenho dado o meu trombolhão. Ás cinco, volto a casa aonde o meu criado, me espera já perfilado para me dizer: o jantar está na mesa. Como, ~~saio~~ <sup>saio</sup>, vou ao theatro e fujo de lá aborrecido; dirijo-me ás reuniões aonde encontro sempre a mesma gente, e um ou outro conhecido que me diz: - Olé! tu por aqui! - E' verdade! Dá cá um charuto.



*Luisa*  
Aqui tens. - Então como estás? Bem e te  
Mal, doe-me este olho! Sinto muito, adeus! -  
Diverte-te! De tempos a tempos, para variar,  
vou ao Club... jogo o voltarete, e perco! ~~Ita du-~~  
~~ra até a uma hora;~~ às duas, deito-me, e no  
dia seguinte, minha senhora.... torno a começar!

Luisa.

Eduardo.

Em tudo isso porém, nada vejo de singular.  
Que diz V. Ex.<sup>a</sup>? Viajar assim constantemente no om-  
nibus da monotonia! Passear todas as tardes no  
mesmo sitio! Ah! minha senhora! eu necessito  
de alguma coisa nova! / Puchando pelo relógio / Cu-  
ca-me V. Ex.<sup>a</sup> porque não tenho mais de um quar-  
to de hora disponível. Hontem estava eu no thea-  
tro e sahi n'um intervallo deixando o meu pablotot  
na cadeira; ao voltar, o sujeito que estava à mi-  
nha direita, distrahi-do sem duvida, levou-m'o  
por engano deixando-me <sup>de elle</sup> ~~dele~~. Saio para a rua,  
metto a mão no bolso para tirar a minha cha-  
ruteira, e eis ~~aqui um caso~~ <sup>um caso</sup> imprevisto que eu  
tanto desejava.....?

Luisa.

Como?...

Eduardo.

Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup>, veja: farrada de marroquim  
amarello.... / Mostra-lhe uma carteira / Veja, mi-  
nha senhora, veja....

Luisa.

/ Lendo / Mauricio Lopes, corrector....

Eduardo.

Justamente; um homem que parece não ser muito  
favorecido do dom da memoria, visto que escreve  
todos os dias no seu livro de lembranças, tudo  
quanto hade fazer no dia seguinte.

Luisa.

Declaro a V. Ex.<sup>a</sup> que não comprehendo.....

Eduardo.

Não comprehende, minha senhora? V. Ex.<sup>a</sup> não



compreende? Pois então, ~~siga, minha senhora,~~  
siga-me: eu enfastio-me naturalmente por  
qualquer coisa, e foi o motivo porque ao deparar  
com tão precioso achado, me resolvi a fazer tudo  
quanto competia a esse Mauricio Lopes. Eis a-  
qui o programma d'hoje; ~~minha senhora:~~ ju-  
rei solemnemente de o cumprir á risca, e hei de  
fazer-o, hei de fazer-o minha senhora.

Luisa. Isto é curioso!

Eduardo. Artigo primeiro: - ir á Alfandega despachar seis  
caixas de assucar e quarenta saccas de caffè. Já  
executei isto; despachei-as esta manhã. A provisao  
é um tanto excessiva, mas que importa? Tenho ca-  
fé e assucar para toda a minha vida! ~~Abito~~

(X) - Segundo:  
de pagar pela  
rua dos Sangueiros,  
fazer uma  
visita á Heu-  
riqueta Lemos.

~~lem, este artigo está cumprido.~~ (X) Artigo <sup>terceiro</sup> ~~segundo~~  
As nove, ir a casa de D. Luisa de Sá, rua no-  
va dos Caldas n.º 382 - 2.º andar, para lhe pe-  
dir a sua mão com todas as formalidades. Pe-  
ço a V. Ex.ª, ~~minha senhora,~~ que repare bem que

Luisa - Henriqueta  
Lemos?...

Eduardo -  
pareceu-me  
não haver grande  
necessidade de  
executar isto,  
por que já o  
tinha feito  
varias vezes  
o anno passado  
quando a Heu-  
riqueta d'hoje  
se chamava  
então Carolina  
de Sá. Este  
artigo está  
cumprido, não  
resta. (X)

as nove em ponto, estava eu agarrado ao cordão  
da campainha da porta d'esta casa. Por con-  
sequencia creio que está também cumprido este re-  
quisito. ~~Quarto~~ <sup>Quarto</sup> não tolerar observações do tio  
Pantaleão Carneiro, e em caso necessario, faltar-  
lhe ao respeito. Devo observar que este artigo  
está devidamente illustrado.

2. Luisa. Illustrado!

Eduardo. Sim, minha senhora, tem um desenho.

Luisa. O que representa o desenho?

Eduardo. Uma perna horizontal dirigindo a ponta do pé  
a um individuo que se não apresenta de cara....

artigo arriscado, ainda por executar. ~~mas não tem~~  
dúvida, prometto....

Luisa. Que diz? pois V.ª atrevia-se?...

Eduardo. Então, se o jurei, minha senhora! Jurei-o solem-  
nemente! Artigo quinto. As nove e meia,  
tomar um banho d'agua quente e dar fricções  
com uma escova ao corpo.

Luisa. Pois com este calor....

Eduardo. Jurei-o, minha senhora, jurei-o solemnemente!  
/Vendo o relógio/ Ah! nove e trinta e um! Mi-  
nha senhora; quanto sinto deixar a V.ª; mas  
é indispensavel. Espera-me a agua quente,  
~~minha senhora~~... <sup>vou tomar as fricções de escova</sup> já volto! já volto!

Luisa. É inutil, ~~senhor~~; se isto não é mais do que uma  
aposta, como penso, já ~~o~~ a ganhou.

Eduardo. Que diz V.ª! pois julga-me capaz?... Não te-  
nho tempo de justificar-me. O banho e a escova  
chamam por mim. Não importa, ~~minha senho-~~  
~~ra~~; vou tomar um mergulho e já volto. É só  
um mergulho, um só e uma escovadella!

Luisa. Já disse a V.ª... que...

Eduardo. /Saíndo precipitadamente/ Um mergulho.... um  
mergulho e uma escovadella só e já volto.... já  
volto! /Saí/ D A

### Scena 7ª

Luisa, e Vicencia, (depois) Eduardo.

Luisa. Decididamente este homem está louco! E meu tio  
que me deixa assim exposta.... /Rindo/ Ah! ah!  
ah! que original....



Vicencia. ? A senhora precisa de alguma coisa?  
Luiza. Necessito tomar ar..... Meu tio sahio na carroa=  
gem?

Vicencia. Não, minha senhora; mandou-a aparelhar e  
sahio depois a pé.

Luiza. Vae-me buscar o chapeo.... trase-me tambem um  
legue.

Vicencia. Vou já. / *Sae para tomar a entrar P B*

Luiza. Preciso espaiar... respirar ar livre!....

Vicencia. / *Voltando* / Aqui tem, minha senhora. / *Tocam a  
campanha.*

Luiza. Tocaram; talvez seja o senhor Thomaz da Rocha.

Vicencia. Já não sae?

Luiza. ? Pelo contrario. Não quero fallar a ninguém. / *Di=  
rige-se ao fundo P B*

Vicencia. Repare V. Ex.ª que se vai encontrar com elle se  
sair por ahí.

Luiza. — Tem razão. É melhor ir por este lado. / *Sae pela  
esquerda P B*

Eduardo. ? Reflexionei na escada e vi que era inutil o banho  
d'agua quente. Tomei-o esta manhã na rua.....  
quero dizer... um sol de trinta e seis graus.....  
Dou por cumprida esta obrigação... Sim, está  
muito bem cumprida! Mas onde está a senho=  
ra ?..?

Vicencia. / *Aparte, mirando-o* / Não me engano, não..... é  
o mesmo! / *alto* / Senhor Eduardo ?..?

Eduardo. Quem me chama? Quem é tu?

Vicencia. Então o senhor não me conhece? Sou a Vicencia.

Eduardo. Vicencia?... Qual Vicencia?!

Vicencia. Vicencia Rosalina, a que serviu em casa da se=



nhora D. Rosa.

Eduardo. D. Rosa?... Qual Rosa?!

Vicencia. A Rosinha da rua do Amparo.

Eduardo. Ah! sim... a Rosita....

Vicencia. Aquella que tinha pelo senhor uma paixao de morrer.

Eduardo. Oh! era muito sensivel... capaz ate de se apaixonar pelo genero humano!

Vicencia. Diga o que quizer; mas paixao como aquella, nunca lhe conheci!... Ainda me lembro que um dia quiz tentar contra a vida por sua causa, e me mandou buscar ate seis caixas de fósforos e uma botija de genebra. Era no pino do verão, como agora.

Eduardo. Sim, com a differença que se esqueceu de deitar os fósforos na genebra, bebendo-a sem mistura alguma ate a ultima pinga~~da~~. Que paixao, Vicencia! que paixao! Enfim, perdão-lhe. Mas deixemo-nos agora d'estas conversações, porque não são prudentes quando trato de sollicitar a mão de D. Luiza de Sá.

Vicencia. Que me diz? Pois pertende casar com minha ama.

Eduardo. Hein... casar-me?... Demonio... / Tendo a carteira / Ah! não, enganei-me. Felizmente não estou obrigado a isso... por em quanto trata-se apenas de pedir a sua mão.

Vicencia. Nesse caso não será difficil... Minha ama é viuva.

Eduardo. Hein? que dizes! Ah! é a segunda edicao... / Tendo uma medalha que está na parede / Que

Luzias





Scena 8.<sup>a</sup>  
Os mesmos e Pantaleão.

- 3 Pantaleão. Os demônios levam Lisboa e todos os lisboetas!
- 2 Vicência. / Correndo a levar-lhe um copo d'água / Aqui está, senhor, aqui está.
- Pantaleão. / Bebendo e quebrando depois o copo / Uhm!... Ah!... Isto consola! / Entra pela porta ~~da direita~~ /
- 1 Eduardo. Quem é este autoprofago?!
- 2 Vicência. É o tio da senhora.
- Eduardo. O tio? Ah! já sei, é a vítima do artigo ilustreado... Se fôr preciso farei o meu dever.
- Vicência. Aquillo que o senhor ahí viu, é um bruto, um selvagem, capaz de matar um touro d'um murro!
- Eduardo. Só d'um murro?! Santa Barbara! Estou acceado!
- 1 Pantaleão. / Entrando / Viva! Sou um seu creado!
- Vicência. / Fugindo / Taffa! ~~2~~

Scena 9.<sup>a</sup>  
Pantaleão, e Eduardo.

- Eduardo. Tenho a honra....
- 1 Pantaleão. Nada de cumprimentos, esteja á sua vontade... O' Vicência, Vicência? Aonde estará esta mulher mettida? Ah! Estou furioso!
- Eduardo. / Aparte / Valha-me Deus!
- 2 Pantaleão. Imagine o senhor que estava no caffè Suisso tomando um grog, ouvindo na mesa do lado uma

chusma de frangainhos a palar da sua des-  
treza ao tiro da pistola, e dizendo qual d'elles  
mais sandices! Enraiveço-me...

Eduardo. Mas porque?

Pantaleão. É o senhor que lhe importa?... Como ia dizendo,  
enraiveço-me de ouvir tanta fanfarronada, e  
resolvo-me a dar-lhes uma lição. Puxo um  
revolver do bolso.... / Tira um revolver /

Eduardo. / Aparte / Jesus! / Alto e tremendo / Está carre-  
gado?

Pantaleão. Ainda tem um tiro.

Eduardo. Esteja quieto com isso!

Pantaleão. / Continuando / Vejo vir um moço trazendo um  
castiçal n'esta posição.... / Levanta o braço aci-  
ma da cabeça / e.... pum!.... Apago-lhe a  
luz a vinte passos pelo menos.

Eduardo. / Assustado / A vinte passos! / Aparte / Esta!

Pantaleão. Tem alguma coisa?

Eduardo. Nada, meu amigo.... nada.... continue, continue....

Pantaleão. Não tenho mais nada a dizer. Apaguei a luz,  
mas infelizmente a balla foi dar n'um espelho  
que me ficava fronteiro.

Eduardo. / A meia voz / Que alarve!...

Pantaleão. Que diz?

Eduardo. Continue.... continue.

Pantaleão. Já disse tudo.

Eduardo. Com que então quebrou o espelho?...

Pantaleão. Está claro; ficou feito em pedacos. Custou-me  
cinco libras.... cinco!... Vicencia, o Vicencia? On-  
de diabo estás, Vicencia? Se a encontro, desfa-  
ço-a!



Eduardo.

Saffa, que o senhor tem um genio ~~arrogante~~ <sup>simples</sup>  
Eu?! Pelo contrario, olhe que se engana; tenho  
um caracter docil, pacifico... ainda dois dias  
depois de eu ter nascido todos julgavam que  
era menina!

Eduardo.

Ora essa!

Pantaleao.

Saiba que se me encoloriso ás vezes, e' por moti-  
vos hygienicos. Se estivesse socegado um quar-  
to d' hora, dava-me com certeza uma apople-  
xia. Diga-me, esteu encarnado?

Eduardo.

Vermelho como um tomate maduro.

Pantaleao.

Oh! estes creados! Estes creados! / Puchando o cor-  
dad da campainha /

Eduardo.

Espera, quer ver como elles apparecem? / Pega  
no revolver e dispara-o no fogao / Aparte / Es-  
tou livre de sustos!

Vicencia.

/ Que entra / O Senhor chamou?

Pantaleao.

Chamei, sim; pega n'essas duas notas e entre-  
ga-as a um moco que esta esperando la fora.

Vicencia.

Outro! / Bando / Ah! ah! ah!

Pantaleao.

De que te ris, estúpida?

Vicencia.

Eu nao rio de nada, senhor.... e' que estou con-  
tente....

Pantaleao.

Contente de que, mulher?

Vicencia.

Do lindo tempo que faz.... nao se admire.... sou  
como as moscas.... nao esta mais na minha  
mao....

Pantaleao.

Pois levanta ferro e põe-te ja á vela d'aqui. / Vi-  
cencia sahe / Apre! / Tira o relogio e observa-o /  
Agora tenho um quarto d' hora para estar tran-  
quillo. / Pega no revolver e põe-se a carregal-o /

Eduardo. Nem quarto d' hora... não será mau aprovei-  
tar o momento para pôr em execução o artigo  
illustrado.... / Pantaleão está de costas e Eduardo  
levanta a perna. /

Pantaleão. / Voltando-se / Que diabo está o senhor a fazer!  
Que exercicio é esse?

Eduardo. / Que ao ver-lhe o revolver começa a dançar / Não  
faça caso, são nervos, são nervos.... não faça ca-  
so....

### Scena 10<sup>a</sup>

Os mesmos e Luiza.

Luiza. Boas noites, tio.

Eduardo. / Cumprimentando-a / Minha senhora...

Luiza. Ainda aqui está. Digo-lhe em verdade, que  
semelhante insistencia.... Que me quer V. S.<sup>a</sup>?

Eu não tenho o gosto de o conhecer.... 2

Pantaleão. Que dizes tu? Não o conheces! Pois eu também não.

Com mil demonios! É verdade que estou fal-  
lando com elle ha mais de meia hora sem sa-  
ber quem é. / Continua carregando o revolver /

Luiza. Este senhor sollicita a minha mão. É unica-  
mente o que sei a seu respeito. ~~deixa a mão~~

Pantaleão Hein? Que quer isso dizer? / Tira o relógio pa-  
ra ver as horas / Eu já vou saber.... Vicencia,  
ó Vicencia. 3

### Scena 11<sup>a</sup>

Os mesmos e Vicencia.



Vicencia. Senhor?... Senhor? *Luisa*

Pantaleão. Eu não posso inquietar-me já, porque a carta não chegou a hora. Vicencia, tu vieste para esta casa para fazer tudo que te mandem, não é assim?

Vicencia. Sim senhor: mais....

Pantaleão. Qual mais, nem meio mais!... Agarra esse sujeito e deita-o pela janella fóra.

Vicencia. Ora essa! *deixa*

Luisa. Vicencia, allumia a esse senhor?

Eduardo. *[Aparte]* Sim, o melhor é salvar os costados!

*[Alto]* Nesse caso e na situação que nos achamos, não tenho direito de conservar memoria alguma de V. Ex.<sup>a</sup> Aqui tem, minha senhora, o seu retrato. *[Dá-lhe um dos que guardou]*

Pantaleão. Que quer isto dizer?

Eduardo. Tinha-o guardado, minha senhora....

Luisa. Para que?

Eduardo. Para o guardar! Nas circumstancias porem em que nos achamos... *[Vae para sair e volta]* *[Aqui tem a sua photographia que tambem havia guardado....]*

Luisa. Que ousadia! *levar*

Eduardo. Não quero conservar nada que lhe pertença....

Ah! aqui está tambem a carteira do Senhor Mauricio Lopes. Cumpri todos os artigos do meu programma, exceptuando um... *[Olhando para Pantaleão]* um unicamente e bem a meu pesar....

Em fim, quem faz o que pôde não é mais obrigado.

Pantaleão. Mauricio Lopes... uma carteira... declaro que não

entendo.

Eduardo. Então é preciso. Adeus, minha senhora; estimarei que o seu futuro esposo que parece comer muito queijo, se não esqueça de a fazer feliz. / Luisa tem estado a folhear a carteira, em quanto Vicencia por detraz da cadeira, vai lendo as fundellas!

Luisa. Não se esquecerá de certo, se cumprir com exactidão o artigo sexto da carteira.

Eduardo. / Que vai a sair e volta / Hein? Como? que diz V. Ex.ª? Artigo sexto! Mas ahí não havia nenhum sexto!

Luisa. Havia e cá está ao voltar a folha, um artigo indispensavel e muito importante.

Eduardo. Qual é, minha senhora? Diga qual é?

Luisa. / Guardando o livro na algibeira / Para o saber era preciso voltar a folha.

Vicencia. / Aparte / Eu bem o vi!

Luisa. Vicencia alludia a este Sr.

Eduardo. / Com abatimento / Havia outro artigo! Havia um sexto! E eu que o não vi!

Pantaleão. / Com força depois de tirar o relógio. / Muito bem! Então o senhor despacha-se?...

Eduardo. Ah! chegou-lhe a hora da furia! Pois bem! melhor! Eu tambem estou furioso! Enraivecido!

Pantaleão. Com mil macacos!

Eduardo. / No mesmo tom / Com mil jacarés!

Pantaleão. Com mil colubrinhas da India!

Eduardo. Sim, colubrinhas da India ou do inferno, que me importa a sua ira? Eu o encontrarei, senhor,



*Luisa*  
eu o encontrarei.... sim, heide encontrar o artigo  
sexto! No curto espaço d'um seculo foram  
inventados o vapor, a electricidade, o magnetis-  
mo, os passeios aereos, as peças raiadas, os fo-  
quetes incendiarios, o suffragio universal.... e  
si se não hade encontrar um miseravel arti-  
go sexto! Eu o encontrarei, senhor, eu o encon-  
trarei, affianço-lhe. / Pega n'um copo d'agua,  
bebe e quebra-o. / Com mil bombas! O senhor  
tinha razão.... isto consola!

Pantaleão. Então, sae ou não sae? / Ameaçando-o / Com  
cem mil bocamartes!

Eduardo. / No mesmo tom / Sáhrei, com trinta milhoes  
de obuses! Senhora Vicencia allumie-me!  
/ Sae acompanhado de Vicencia. /

## Scena 12<sup>a</sup>

Pantaleão, Luisa, depois Vicencia.

Pantaleão. / Caspeando furioso / E eu que o deixei ~~o~~ <sup>sahir</sup> sem o es-  
trangular! Com mil.... / Acalmou-se de re-  
pente / Olha, queres que te diga? Agradou-  
me muito este rapaz. Mas que significa tu-  
do isto?

Luisa. Quer dizer que esse individuo que viu d'aqui sa-  
hir, achou a carteira de lembranças em que o  
sr<sup>m</sup> Mauricio Lopes escreve o que tem de fazer  
no dia seguinte, e que se propoz a executar por  
sua conta e risco o programma d'hoje.

Pantaleão. Heim!... E quem nos diz que não é um cavalhei-  
ro de industria?....

Vicencia. / Que tem entrado pelo fundo com o castiçal na  
mão. / Um cavalheiro de industria o senhor  
Eduardo Roque? Ora opa! É um sujeito mu-  
to rico e generoso.

Luisa. Ah! tu conhecel-o?

Vicencia. Como os dedos das minhas mãos... servi em  
casa d'uma parenta sua.

Pantaleão. Estamos inteirados. / Vendo o relógio / Dez e meia!  
/ Pegando no castiçal / Boas noites, Luisa!

Luisa. Boas noites, meu tio. Não preciso de ti, Vi-  
cencia, podes retirar-te. / Vicencia retira-se de-  
pois de apagar as luzes das serpentinas.

Pantaleão. Ah! que dia! que dia!

Luisa. Oh! que noite! que noite!

Pantaleão. Tens rasão, a historia da carteira... Diabo do  
Auricio Lopes...

Luisa. É verdade, as vidraças do pasteleiro!....

Pantaleão. Até amanhã... até amanhã...

Luisa. Até amanhã, meu tio. / Pantaleão entra pela  
porta da direita; Luisa pela da esquerda: a  
scena escurece.

### Acto 3. Cena 13. Barras

Eduardo. / Com um cofresinho debaixo do braço.)

Eduardo. Pois senhores, até que encontrei o artigo sexto!  
Estava n'uma das parteleiras da minha estan-  
te, e como moro aqui ao pé.... eil-o aqui! / Mos-  
trando o cofre. / Se não fosse esta boa Vicencia  
que me pôz ao facto de tudo... sou um thesou-  
ro estas creadas! / Tira um fosforo e acende a luz.)



Claro

Onze menos um quarto. É tarde, mas ~~se~~ <sup>seria</sup> se fosse meia noite. Esta viuva tem-me feito transtornar o juizo... ora já que troquei o meu ~~pretado~~ com o de Mauricio Lopes, se podesse tambem mudar a casaca.... Dar-lhe-hia a escolher entre todas do meu repertorio, que é immenso! Onde será o quarto da encantadora Luiza?

Pantaleão. / Dentro, fallando da direita. / Onde demonios me poseram o meu barrete de dormir?...

Eduardo. / Recuando. / Saffa! É a serpente que asobia! Não é aqui. Já vejo que hade ser d'este lado. / Ouve-se Luiza garganteando uma canção do lado direito. / Como é singular o destino do homem! É pensar eu que me succedeu tudo isto por ter ido hontem ao theatro! ora digam lá que se não ganha nada em ir ao theatro! vejam se eu ganhei ou se não espero ganhar pelo menos... uma encantadora viuva.... que veio da terra das bananas! Meãos á obra! / Voltando á porta e chamando docemente / Senhora D. Luiza.... V'Ex.<sup>a</sup> faz favor de abrir?...

Scena 14.<sup>a</sup>

Eduardo, e Luiza.

Luiza. Que é isto?... que significa?...

Eduardo. / Cumprimentando-a / Sou eu, minha senhora, sou eu....

Luiza. O senhor! Que quer dizer isto agora?

1.º Eduardo.

Agora e sempre!

2.ª Luisa.

Que audacia! Retire-se ou chamo alguém.

Eduardo.

Como quizer, minha senhora, como quizer.... Estou resolvido a tudo e não sahirei d'aqui sem cumprir a minha missao.

Luisa.

N'esse caso vou chamar meu tio. 4

1.º Eduardo.

Abra, minha senhora, abra V. Ex.<sup>a</sup> a jaula e ler-se-ha amanhã em todos os jornaes: a casa n.<sup>o</sup> 382 da rua nova das Caldas foi esta noite theatro horrivel de um drama sanguinolento. Um mancebo que pertencia á boa sociedade, foi devorado por um tigre na habitacao da Senhora D. Luisa de S.<sup>a</sup>. Foram inuteis quantos socorros lhe prodigalisaram para o salvar. Abra, minha senhora, abra a jaula; mas semelhante aos escravos da antiguidade, permitta-me que lhe diga, ~~minha senhora~~: a victima desposta a morrer, sauda-vos! - Ave moriturus salutavit tibi  
/ Cumprimenta-a /

Luisa.

/ Sorrindo / Escute: a originalidade não me desagrada e a sua talvez menos que nenhuma outra; mas a uma hora mais conveniente, a uma hora em que não se atropellem d'este modo as conveniencias sociaes. 2

Eduardo.

Comprehendo a V. Ex.<sup>a</sup>, ~~minha senhora~~ e vou já pôr um dique aos seus escrúpulos. / Bege no biombo e colloca-o de maneira que a scena fique dividida / Veja, veja, minha senhora; aqui estamos cada um em sua casa, podendo conversar como bons vizinhos. Não peço a V. Ex.<sup>a</sup>



~~Luiza~~  
mais que cinco minutos para explicar ~~o~~ ~~proposito~~  
d'esta nova visita.

Luiza. Cinco minutos?... E promette que se irá depois  
embora? / Eduardo faz o movimento de jurar /  
Pois bem, seja.

Eduardo. Em cinco minutos terei executado o artigo sex-  
to.

Luiza. Pois já o sabe?!

Eduardo. Sim, minha senhora, já sei. / Põe a banca no  
proscenio diante do biombo e o cofre em cima /  
Aqui está...

Luiza. Uma caixa?!

Eduardo. Artigo sexto: queimar diante de D. Luiza  
de si toda a minha correspondencia amorosa.

Luiza. E como poudes saber.... / Tirando a carteira do bolso  
e pondo-a sobre a banca /

Eduardo. Isto, minha senhora, foi resultado do grande  
trabalho de uma traducção que fiz... na esca-  
da quando sahi d'aqui! Começemos. / Dei-  
tando uma carta que tirou do cofre por cima do  
biombo, a Luiza /

Luiza. Mas, senhor....

Eduardo. Leia, minha senhora, supplico a V. Ex.<sup>a</sup> que  
leia, que é muito instructiva.

Luiza. / Begando na carta e sentando-se / Mas que  
me importa a mim?...

Eduardo. Leia, minha senhora, leia e verá o arrebatam-  
ento da paixão com que principia esta car-  
ta.

Luiza. / Depois de ler / Com effeito!

Eduardo. E como conclue com uma conta da modista a

mancira de post-escriptum.....

Luisa.

E' verdade! / Rindo / Ah! ah! ah!

Eduardo.

/ Deitando a cabeça por cima do biombo / Pois queira V. Ex.<sup>a</sup> ver esta.

Luisa.

Não! o senhor falta ao que estipulou.. Cada qual em sua casa, foi o que dissemos.

Eduardo.

E' exacto; mas eu estou na minha janella. Numero dois. / estira a carta / Que bellera de estylo, heim?

Luisa.

/ Lendo / Sim, mas algum tanto livre.

Eduardo.

Muito, muitissimo! e' puramente a imagem do seu character! Livre como os estados unidos! Com a differença de mudar ~~mais frequentemente~~ <sup>a, modo de</sup> presidente! ~~mente de selecto~~ Não tem post-escriptum?

Luisa.

Tem uma trança.

Eduardo.

E' a trança de seus cabellos! E tinha tantos!... Quem deve hoje sentir a falta d'elles....

Luisa.

Que diz, senhor! Pois estas memorias não lhe despertam nenhum sentimento? Que idade tem V. Ex.<sup>a</sup>?

Eduardo.

Trinta e dois annos, minha senhora; mas que recordações quer V. Ex.<sup>a</sup> que despertem semelhantes loucuras? O verdadeiro homem de coração só lhe inspiram riso e vergonha as eccentricidades dos vinte annos. / Queima as cartas / E' inutil que V. Ex.<sup>a</sup> leia as outras. Não passam de segundas, terceiras e quartas edições correctas e augmentadas. E agora que o programma do dia está fielmente cumprido, permitta que lhe faça os meus cumprimentos e que me retire.



15

Pantaleão. / Dentro / Com mil crocodilos! e donde estão os meus chinellos! / Ouve-se um tiro / ~~Fugiu~~

Luisa. / Assustada / Jesus!

Eduardo. Não se assuste, minha senhora: é seu tio que pede os chinellos.

Luisa. Fuja, fuja que elle ahí vem.

Eduardo. / Depois de hesitar um momento, pega no biombo e fica escondido n' elle / Ah!

### Scena 15<sup>a</sup>

Os mesmos, Pantaleão, depois Vicencia.

Pantaleão. / Sahindo do quarto de chambre e barrete / Pois ainda te não deitaste?... —

Luisa. / Turbada / Não.... meu querido tio.... sahi do meu quarto.... porque.... não tenho somno!

Pantaleão. Pois o mesmo me succede! Já que nem um nem outro podemos dormir, vamos beber uma chavena de chá, não te parece?

Luisa. / Aparte / Não sei que hei de fazer, meu Deus! / Alto / A estas horas, tio!...

Pantaleão. Que importa lá a hora! Vicencia! O' Vicencia!

Vicencia. / Sahindo / Senhor?

Pantaleão. Olá!... Tu também te não deitaste! / Com malicia / É singular! Vai mandar fazer chá.

Vicencia. Eu vou, senhor. / Aparte / Que será feito d'elle!

Pantaleão. / Aproximando-se e dando murros no biombo / Senhor, o' senhor?... Quer fazer-nos o obsequio de tomar uma chavena de chá connosco?...

Eduardo. / Deitando a cabeça de fora / Se me quizesse dar

antes chocolate....

Luisa.  
Pantaleão<sup>2</sup>

Que é isto?

/Rindo/ Ah! ah! ah! Ouvi tudo... tudo!  
Desde que mudou a casaca com Mauricio  
Lopes. Ah! ah! ah!

Eduardo.  
Pantaleão<sup>3</sup>

/Rindo/ Eh! eh! eh! muito simpatia com  
Mancebo, sympathiso muito com a sua  
pessoa!

Eduardo

Nesse caso... /Colgando as luvas/ Tenho a  
honra de lhe pedir a mão de....

Pantaleão.

Entendo, entendo, maganad.... Mas minha  
sobrinha para não parecer mal, tem de  
chorar seu marido um anno pelo menos.

Eduardo.

Pois bem; chorar-o-hemos seis mezes cada  
um.

Pantaleão.

/Rindo/ Ah! ah! ah! gosto realmente d'es-  
te rapaz... sympathiso com elle.

Luisa.

Pantaleão.

Calla-te, calla-te, deixa tudo por mi-  
nha conta; eu farei a tua felicidade.

## Scena 16<sup>a</sup>

Os mesmos, e Vicencia.

Vicencia<sup>4</sup>

O senhor Mauricio Lopes manda pergun-  
tar se os senhores estão ainda a pé e se po-  
dem receber a sua visita.

Pantaleão.

Então, não vem cá bater à porta à hora  
dos sonhos!

Eduardo.

Pega, entrega-lhe o seu paletot.

Luisa.

E a sua carteira.





Romão.

Se fui feliz n'esta aventura s'hoje  
Custou-me bem a conseguir tal fim!

Simões.

Volta-me a par e o meu nervoso foje,  
Sou ser na vida já senhor de mim!

Ernestina.

Noiva implora se aprovais a escolha  
Sejais padrinhos no favor e agrado  
Pois n'esse abrigo onde a mãe me acolha  
Trarei vos juro o meu peñhor lembrado

Se n'esta esperança me frustaes o intento  
Turba-se a festa a que o praver sorria,  
E em vez de risos n'um atroz lamento  
Vira' a magoa escurer tal dia!

Portanto agora não mudeis severos  
A sorte a noiva n'um cruel rigor;  
Sede os padrinhos e mostrae sinceros  
A approvação no que fazeis favor!





Ernestina.

E não haverá um artigo oitavo?

Simões.

Há: e vou sujeitá-lo a approvações do publico.

A nova actriz que solicita abrigo

Vacilla e treme ante o juiz sujeita...

Romão. Apresentação ao publico

O pai das artes, protector amigo

Humilha seus filhos ao rigor engeita.

Ernestina.

Eu vim da scena á triumphal estrada

Tentar humilde em trabalhosa lida

Os mil espinhos de que está crivada

Calcar e vêr sem desmaiar vencida?

E este desejo que meu peito inflama

Se achar em vós o paternal favor,

Hade nutrir-se d'essa ardente chama

Em que arde puro um dedicado amor.

Por isso vim no meu sagrado intento

Esta carreira desejava abrir;

Da minha espiranca tendes vós o alento

Dai-lhe hoje auxilios para poder florir.

---

Fim.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema